

28.07

CORREIO DO POVO

15 de maio de 1955. Página 4

POEMA

(especial para o Correio do Povo)

Reinaldo Moura

OK

Porque estamos em maio, as chuvas vieram. Um friozinho experimental às vezes dilata o azul deste céu mais alto, tão alto como um pensamento de gelo. E contrai o material humano que já se aproxima das lareiras esfregando as mãos domésticas, numa atitude de luxo. Entretanto, os homens mudaram muito, e como as formas e as cores do mundo são projeções de nossas forças interiores, acontece agora que os outonos, e as estações em geral, vão dando em prestações o que deveriam em tempo normal oferecer numa totalidade. De qualquer jeito, as chuvas começaram.

Dias antes, vimos de repente o pequeno sapo escuro, com galões dourados meio sujos de terra, o mesmo que estava encarregado de bater o cristal noturno por ocasião das chuvas que viriam. Estávamos sob as árvores, as folhas caíam às vezes, pois era no começo do outono e as folhas amarelas não poderiam desmentir tantos poemas espalhados pelo mundo. Mas no chão escuro uma folha quase dourada começou a se mexer quase sózinha, chamando nossa atenção. Mais de perto, estava sobre o movimento do sapo escuro que se metia pela terra. Que coisa curiosa. Eles se metem na terra de marcha-ré. Ficamos olhando aquele esforço numa atenção obstinada de naturalista só pela imaginação. O corpo gingavana dança subterrânea, e ia se enfiando para o fundo. A dança telúrica, como diria o doutor Silva, era assim meio mole, meio parada, mas tinha nos seus lentos movimentos uma graça inconfundível para o mundo miúdo dessas vidinhas clandestinas. A cabeça chata, os pequenos olhos saltados, o couro rajado pelo alumínio e pelo ouro fosco de um decorador abolicionista. Quando tocávamos na superfície dessa vida, lá vinha o fingimento universal. Ele fazia que estava dormindo, se fazia de morto e pensava com certeza no desinteresse que assim criaria nessa força exterior que agora atucanava, embora de leve, o atucanava mas não era por mal. Era mais uma carícia para ver a reação da criatura obscura mas rajada de ouro

para sentir o fingimento de seu pequeno espírito que se fazia de morto.

Com as chuvas de maio, êle fez a sua música. Ficara ali, bem perto da janela, e numa hora de insônia seu cristal subiu, tão nítido, dentro da noite. Primeiro era só o silêncio das praias tão remotas que a gente imaginava a noite como um estranho mar abstrato. Depois o leve passo da dança do vento valsando com as árvores que ressoavam. Depois o piano da chuva, começava de repente, imenso teclado noturno feito de verdes fôlhas e de escura terra adormecida. Foi exatamente aí que o sapo anônimo manifestou o cristal do seu júbilo. Mas por que anônimo? Não se pode dar um nome a qualquer criatura? Não há nenhuma dificuldade nisso. Vamos supor que êle se chamasse João, coisa simples e que não custa nada. Foi aí que João começou o seu poema noturno. E era uma delícia ouvi-lo, entre as frouxas cítaras da chuva, com o fino cristal de seu instrumento sem nome. Era uma réplica sonora ao piano líquido da noite. Prestando bem atenção, sente-se no fundo o motivo obscuro que anima êsse júbilo revelado em música.

Era o primeiro poema de maio sob os dedos transparentes da chuva.